

Quando projetos se encontram: a mulher entre Augusto Comte e Nísia Floresta

Luma Pinheiro Dias

Universidade Federal do Piauí

Teresina - Piauí - Brasil

luma_pd@hotmail.com

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Universidade Federal do Piauí

Teresina - Piauí - Brasil

teresinhaqueiroz@bol.com.br

Resumo: Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nasceu em Papari, Rio Grande do Norte, em 1810 e faleceu em Rouen, França, em 1885. É identificada como uma das primeiras mulheres brasileiras a publicar artigos em jornais e livros, no século que delegava à mulher a atuação apenas no espaço privado. Em seus escritos defendeu a reforma da educação feminina, a fim de preparar as mulheres para exercerem seu papel de regeneradora da sociedade. Em 1851, sua primeira viagem pela Europa, conheceu Augusto Comte e em 1856 iniciou a troca de correspondências com o filósofo. Tal encontro é motivo de especulação entre os biógrafos da brasileira, que afirmam ou refutam sua conversão ao Positivismo. Este trabalho visa discutir a relação intelectual estabelecida entre ambos a partir da produção escrita de Nísia Floresta, o *Catecismo Positivista* de Augusto Comte e as correspondências trocadas entre eles.

Palavras-chave: Nísia Floresta. Augusto Comte. Cartas.

Introdução

A maior parte da produção escrita de Nísia Floresta reflete a respeito da condição feminina no século XIX, denuncia os atrasos na educação destinada às meninas e propõe a transformação da sociedade, sendo a mulher o principal instrumento de consolidação do progresso da humanidade. Dessa maneira, é possível identificar um projeto construído durante sua trajetória intelectual que coloca a mulher como protagonista da história através da análise de seus escritos.

Em suas viagens ao exterior, Nísia Floresta teve contato com diversos nomes importantes do cenário intelectual europeu, encontros que refletiram em sua escrita, aperfeiçoaram seu projeto e expandiram seus conhecimentos. Um dos encontros mais

relevantes foi com Auguste Comte.¹ O filósofo propõe a transformação da humanidade e elege a mulher como principal instrumento para garantir a execução de suas ideias.

De acordo com José Arthur Giannotti (1978, p. VIII): “O núcleo da filosofia de Comte radica na ideia de que a sociedade só pode ser convenientemente reorganizada através de uma completa reforma do homem” e sem a colaboração feminina a regeneração moral da humanidade estaria comprometida. O referido autor destaca a seguinte estruturação do sistema comteano:

Em primeiro lugar, uma filosofia da história com o objetivo de mostrar as razões pelas quais uma certa maneira de pensar (chamada por ele filosofia positiva ou pensamento positivo) deve imperar entre os homens. Em segundo lugar, uma fundamentação e classificação das ciências baseadas na filosofia positiva, finalmente, uma sociologia que, determinando a estrutura e os processos de modificação da sociedade, permitisse a reforma prática das instituições. A esse respeito deve-se acrescentar a forma religiosa assumida pelo plano de renovação social, proposto por Comte nos seus últimos anos de vida (GIANNOTTI, 1978, p. VIII).

A existência de pontos em comum entre o projeto de Augusto Comte e aquele forjado por Nísia Floresta é verificada através da leitura de obras dos referidos autores e das correspondências trocadas entre ambos entre os anos de 1856 e 1857, nas quais é possível constatar a construção de uma amizade fraterna. No entanto, a relação intelectual entre ambos permanece pouco estudada.

As principais fontes utilizadas para analisar a relação intelectual entre Augusto Comte e Nísia Floresta são as obras da brasileira que se aproximam do ideal positivista e o *Catecismo positivista* de autoria do filósofo. A análise das correspondências trocadas entre eles entre 1856 e 1857 colabora para o conhecimento da relação fraternal cultivada por ambos. Assim, é possível conhecer os limites da simpatia da brasileira para com a filosofia de Comte.

Ponto emblemático da vida e carreira literária de Nísia Floresta é sua afinidade com Auguste Comte e a Filosofia Positiva. Ainda que não seja possível precisar a intensidade e profundidade da relação intelectual estabelecida entre ambos, a produção escrita da brasileira permite encontrar pontos de congruência com a filosofia de Comte. Alguns de seus biógrafos têm abordado a estreita relação entre eles, seja para confirmar a extensa influência de Comte sobre a autora, seja para refutar a adesão de Nísia Floresta à Religião da Humanidade.

¹ Auguste Comte (1789-1857): estudou na Escola Politécnica de Paris e foi admitido como professor em 1814, sendo expulso dois anos depois por conduta subversiva. Publicou *Sistema de política positiva* em 1824, primeiro passo para a elaboração de sua filosofia. Outros títulos de sua autoria são *Curso de filosofia positiva* (em seis tomos) e *Catecismo positivista*. Cf.: COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Adauto da Câmara (1941) em *História de Nísia Floresta*, uma das primeiras biografias da escritora brasileira, escrita em 1941, destaca uma seção do livro para tratar da autora e do filósofo. Afirma que Nísia Floresta tinha por Comte uma admiração exaltada, ainda que o contato pessoal estabelecido entre os dois tenha se dado entre 1856 e 1857 com trocas de correspondências e visitas domésticas interrompidas pela morte de Comte em 1857.

Constância Lima Duarte (1995), na obra *Nísia Floresta: vida e obra*, produzida inicialmente enquanto pesquisa apresentada como Tese de Doutorado em Literatura Brasileira na USP, em 1991, questiona o significado dessa aproximação. Aponta que a adesão da autora ao Positivismo, afirmada por muitos intelectuais positivistas, está ligada principalmente ao interesse em valorizá-la, adequando seu discurso aos objetivos da referida filosofia. Duarte (1995, p. 185) questiona a total incorporação por parte de Nísia Floresta da filosofia positiva:

Se considerarmos que muitas das posições que assumiu – como defesa da abolição, do moralismo, da educação feminina, por exemplo – eram bandeiras que extrapolavam os ditames positivistas e pertenciam também a outras correntes de pensamento, torna-se ainda mais fácil questionar sua aceitação integral desta filosofia.

Duarte se dispõe a analisar a narrativa *Um passeio no Jardim de Luxemburgo*, parte da obra *Scintille d'un' anima brasiliana* de Nísia Floresta, ressaltando os traços da filosofia positiva presentes na escrita. Através dela é possível visualizar a ideia de progresso da humanidade e do papel social fundamental desempenhado pela mulher, também defendidos por Comte. A autora sugere que Nísia Floresta se apoderou somente daquilo que lhe convinha dentro do Positivismo, ou seja, da suposta valorização do feminino, ideia que ela sempre defendeu. Duarte (1995, p. 197) conclui que:

Assim ao fazer *sua* leitura do positivismo e ao destacar nele os pontos que mais atendiam a seus interesses intelectuais, Nísia Floresta adquiriu um certo *verniz* positivista que enganou a muitos que reconheceram aí uma adesão completa. Tanto foi apenas superficial sua identificação com as propostas positivistas, que não se encontra em seus escritos nenhuma outra referência a Comte ou à sua filosofia que não esteja diretamente relacionada com a melhoria da condição feminina.

Nísia Floresta apresenta diversas transformações em seus discursos durante sua trajetória, evidenciando a variedade de leituras e influências que a refletem em sua escrita. O estudo de sua relação com Augusto Comte é fundamental para compreender a amplitude de seu projeto e suas possíveis bases, bem como os diálogos construídos em seu momento de produção.

É crível a análise das congruências existentes entre o pensamento defendido por Nísia Floresta e Auguste Comte no que diz respeito à mulher, partindo da escrita de ambos sobre o respectivo assunto. Nísia Floresta pode não ter se convertido inteiramente ao Positivismo de Comte, mas sua influência sobre o pensamento da brasileira é inegável, assim como outros intelectuais daquele período com quem ela teve contato pessoal ou através de leituras.

Em seu *Opúsculo humanitário*, por exemplo, cita alguns escritores conhecidos por ela, tais como Wollstonecraft, Condorcet,² Sièyès,³ Legouvê,⁴ Rousseau,⁵ Fénelon,⁶ dentre outros. É importante ressaltar que a enorme quantidade de leitura da autora lhe permitiu desenvolver seu senso crítico, endossou pensamentos já existentes ou refutou outros, sem que isso signifique a total adesão, aceitação ou negação de algum autor e intelectual específico por Nísia Floresta, tal como sua experiência com Augusto Comte e a filosofia positiva.

Diante do debate a respeito da condição da mulher, Nísia Floresta se posiciona a favor da valorização social feminina, partindo da educação como caminho para tornar a mulher apta a desenvolver de forma plena e correta seu papel na sociedade. Porém, a autora fazia parte de uma minoria que reivindicava a transformação na condição feminina, ainda que isso não significasse uma emancipação do ambiente doméstico.

Nísia Floresta e Auguste Comte não propuseram uma radical transformação da relação entre os sexos, mas um projeto em que a mulher figurava como personagem

² Jean-Antoine-Nicolas de Caritat (1743-1794): Filósofo, matemático e político francês. Entre os anos 1765 e 1774 dedicou-se aos estudos de entendimento das ciências exatas. Foi nomeado inspetor de moedas do reino. Criticava o clero, o mercantilismo. Sua perspectiva de reinvenção da história e das instituições são a centralidade de suas obras. Cf.: *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 38, jun. 2010, p. 268-274. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/reso1_38.pdf. Acesso em 12 de julho de 2016.

³ Emanuel Joseph Sieyès (1748-1836): escritor, político e eclesiástico francês, representante da igreja e da aristocracia. Participante ativo na criação da Assembleia Nacional de 1798. Sua obra de maior destaque foi *Qu'est-ce que le tiers état?*, conhecida no Brasil por "O que é o Terceiro Estado?".

⁴ Gabriel Jean Baptiste Ernest Wilfrid Legouvê (1807-1903): dramaturgo francês. Autor de *História Moral das mulheres* (1860).

⁵ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): escritor e filósofo francês. Colaborar do movimento enciclopedista. Dentre as suas obras estão: *Júlia ou a nova Heloísa* (1761), *O contrato social* (1762) e *Emílio ou Da educação* (1762), onde discorre sobre os males morais de uma educação deficiente. Cf.: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/contratosocial.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2016.

⁶ François de Salignac de La Mothe de Fénelon (1651-1715): escritor e filósofo francês. Educado até os 12 anos em casa. A partir de então frequentou a Universidade de Cahors, onde concluiu os estudos em filosofia. Deu continuidade aos estudos no Colégio Du Pessis. Se dedicou à teologia. Suas ideias liberais quanto à política e educação enfrentaram oposição da Igreja e do Estado. Pertenceu à Academia Francesa de Letras. Cf.: GONDRA, José; GARCIA, Inára. A arte de endurecer 'miolos moles e cérebros brandos': a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, maio-ago. 2004, p. 69-84.

fundamental. Ambos, com suas respectivas particularidades, defendiam a supremacia moral da mulher e sua capacidade de regenerar a sociedade, sendo instrumento do progresso da humanidade. Luciana Castro (2010, p. 246), no artigo “A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro” também analisa a relação entre a brasileira e o filósofo e destaca que:

O Positivismo angariou a simpatia de muitas mulheres, inclusive de Nísia Floresta, por conta de sua crença na educação igualitária para homens e mulheres. Mas há profundas diferenças entre a filosofia de Auguste Comte e os ideais de Nísia, já que esta lutou pela valorização e respeito social para as mulheres, além do acesso à educação, enquanto os positivistas tratam a mulher, praticamente, como uma divindade que deve ser cultuada no lar, e deve se restringir àquele cenário.

A mulher entre Augusto Comte e Nísia Floresta

Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta, nasceu no dia 12 de outubro de 1810 no sítio Floresta em Papari no Rio Grande do Norte e conquistou importante espaço no cenário literário nacional e internacional de seu tempo ao escrever textos em jornais de destaque e livros publicados em vários países pelo mundo.

Filha do advogado português Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa e de Antônia Clara Freire, natural do Rio Grande do Norte, Nísia Floresta tinha ainda mais três irmãos: Clara, Joaquim, a quem dedica seu *Opúsculo humanitário* (1853), e outra irmã, filha do casamento anterior de sua mãe, do qual ficou viúva. Sua família era detentora de grande quantidade de terras, e foi perseguida durante as revoltas antilusitanas que se iniciaram em 1817 no Nordeste,⁷ que resultou na fuga para Goiana em Pernambuco.

Após retornos e partidas decorrentes dos constantes levantes antilusitanos que levavam a depredações e agressões contra a família de Nísia, a família se fixa em Olinda, aonde seu pai vai finalmente exercer a profissão de advogado. É justamente exercendo a profissão que Dionísio é assassinado em 1828, ao defender interesses contrários aos dos poderosos dessa localidade.

⁷ Em princípios de 1817 vários levantes tiveram início na região de Recife, motivados pelos abusos da metrópole e conseqüente insatisfação popular, se alastrando por várias províncias do Norte, tendo como característica principal a propagação do sentimento antilusitano. Os populares atacavam propriedades de portugueses e a família de Nísia Floresta era constantemente alvo de ameaças por parte dos nativistas. As revoltas foram logo reprimidas pelo governo português. Outra tentativa de separatismo ocorreu em 1824 e ficou conhecida como Confederação do Equador, conflito entre as forças reacionárias e as de tendência democrática e nacionalista. Cf.: DUARTE, 1995, p. 18.

Ainda em 1828, Nísia Floresta, que já havia se casado aos treze anos com um homem chamado Manuel Alexandre Seabra de Melo, homem rude, com pouca instrução e dono de grande porção de terras, e separado alguns meses depois, passa então a morar com o companheiro Manuel Augusto de Faria Rocha, acadêmico da Faculdade de Direito, natural de Goiana (CÂMARA, 1941, p. 30-31), a quem a autora dedica constantes homenagens em seus textos.

Em novembro de 1832 Manuel Augusto concluiu o bacharelado em direito e mudaram-se ele, Nísia e suas irmãs, sua filha e a sua mãe para Porto Alegre. Aos 25 anos, no dia 29 de agosto de 1833, Manuel Augusto faleceu, deixando Nísia com dois filhos. (CÂMARA, 1941, p. 31-34). A escritora permanece em Porto Alegre após a morte de seu companheiro até o ano de 1837. Com a Revolução Farroupilha,⁸ a autora decide ir para o Rio de Janeiro. No ano seguinte, ela inaugura sua instituição de ensino para meninas, o Colégio Augusto, que tem no nome a homenagem ao companheiro.

No ano de 1849, Nísia viaja para a Europa com os filhos, com a justificativa de melhorar a saúde de sua filha Lívia, que havia sofrido um acidente recentemente. Esta viagem, que teve inicialmente a intenção de ser breve, durou até 1952, quando finalmente retornam ao Brasil (CÂMARA, 1941, p. 101). Seu retorno para a Europa foi em 1856, acompanhada somente por Lívia. Em 1872, Nísia retornou ao Brasil, mas voltou pouco mais de dois anos depois para a Europa, em 1875. E foi na Europa, cidade de Rouen, que Nísia floresta morreu vitimada por uma pneumonia, em 1885 (CÂMARA, 1941, p. 149).

O primeiro contato de Nísia Floresta com Comte ocorreu em 1851, quando ela estava em Paris e compareceu às conferências do Curso de História Geral da Humanidade ministradas pelo filósofo. Comte chegou a registrar seu primeiro contato com a brasileira em 1856, expressando seu desejo de vê-la sua discípula, se conseguisse mudar alguns aspectos característicos dela:

Em agosto, devo inicialmente registrar meu primeiro contato direto com a nobre viúva brasileira que me oferece, de coração, de espírito e de caráter, todos os indícios de uma preciosa discípula, se eu puder transformar um pouco seus hábitos metafísicos (COMTE *apud* DUARTE, 2002, p. 19).

A filosofia de Comte excluía a metafísica em seu estado mais avançado, enquanto Nísia Floresta reafirmava constantemente a importância da religião na construção da moralidade dos povos. Mesmo vendo a brasileira como uma possível discípula, o filósofo

⁸ Revolta armada com forte apelo popular ocorrida no Rio Grande do Sul entre os anos de 1835 e 1845. Dentre as principais motivações para o conflito é possível citar o descontentamento com os governantes, altos impostos, inclusive sobre o charque, principal produto econômico da região naquele momento, e a dificuldade ou inexistência de transportes terrestres, dentre outros. Cf.: HARTMANN, 2002.

reconhece que ela não está em completa concordância com seu modelo filosófico. Comte demonstrava estar disposto a conquistar não somente Nísia Floresta, mas sua filha Lívia também, como é possível identificar na correspondência trocada com Audiffrent, em março de 1856, em que Comte (*apud* Duarte, 2002, p. 25) afirmou:

Acredito que pode ser inestimável o serviço prestado pelas duas novas discípulas meridionais, uma nobre viúva brasileira e sobretudo sua digna filha, respectivamente com 47 e 22 anos. Elas estão em Paris há sete meses e eu tenho esperança de que elas fixem residência na cidade, de maneira a poder aí presidir o verdadeiro salão positivista que nos seria tão precioso.

A expectativa do filósofo diante da possibilidade de Nísia Floresta fixar residência em Paris pode evidenciar a confiança que Comte depositava na brasileira e em sua filha. A simpatia entre os dois não indica necessariamente que fossem concordantes em todas as questões envolvendo a participação da mulher na sociedade, mas que havia pontos em comum, que merecem destaque.

A figura feminina tem papel relevante para o novo sistema social que Comte defendia, sendo mesmo indispensável para o sucesso da humanidade que o filósofo almejava. Defendia o fim da religião que se baseasse em um Deus supremo, considerando que humanidade seria o próprio Deus. A sociedade, devidamente dirigida, atingiria o ápice intelectual e moral sem necessitar da supervisão de qualquer divindade.

Ao elaborar uma nova forma de organização social, Auguste Comte concede um lugar específico para a mulher. O filósofo acreditava que a sociedade só poderia ser reorganizada a partir da reforma intelectual do homem e que a mulher, a quem geralmente ele se refere como “sexo afetivo”, teria função relevante nesse processo, como será observado adiante.

Na obra *Opúsculo humanitário* (1853), edição de 1989, Nísia Floresta (1989, p. 113), assim como o filósofo, destaca o papel decisivo da mulher para o desenvolvimento moral da sociedade, desde que fosse devidamente educada, afirmando que: “há um único e potente motor que pode aglutinar todos esses elementos, e fazê-los cooperar na causa geral da humanidade. [...] Esse motor é o sentimento da ternura; e o seu grande e precípuo lume está no coração da mulher”.

Comte (1978, p. 297), em seu *Catecismo positivista*, escrito em 1852, atribui à mulher o papel de “[...] supremo árbitro privado da educação universal”. A mulher exerceria forte influência sobre os homens, sendo a principal responsável por sua educação moral. Afirma ainda que: “[...] o culto positivo erige o sexo afetivo como providência moral de nossa espécie”. Tal afirmação soa muito familiar se considerarmos que Nísia Floresta também concebe a mulher enquanto responsável pela educação doméstica de seus filhos.

O filósofo, ao refutar todos os preceitos metafísicos, distancia-se da ideia de mulher pregada pelo catolicismo como origem de todo o mal, advogando que ela seria, ao contrário, instrumento de elevação da humanidade. No ensaio *A mulher*, de 1859, Nísia Floresta (1997, p. 115-117) também discorda dessa ideia de mulher: “[...] não façais dela a mulher da Bíblia; a mulher de hoje em dia pode sair-se melhor do que aquela [...]; mas a mulher que deve progredir com o século XIX, ao lado do homem, rumo à regeneração dos povos”.

Comte reivindicava a participação do proletariado e das mulheres como base da reorganização social que almejava e reconhecia que sem eles o sistema que propunha não poderia prevalecer. É possível perceber a importância dada à mulher pelo filósofo na seguinte afirmação constante em seu *Catecismo positivista* (1852):

A mulher e o sacerdote constituem, de fato, os dois elementos essenciais do verdadeiro poder moderador, ao mesmo tempo doméstico e cívico. Organizando esta santa coligação social, cada elemento procede aqui de acordo com a sua genuína natureza: o coração propõe as questões que o espírito resolve. Assim, a própria composição deste catecismo logo indica a principal concepção do positivismo: o homem pensando sob a inspiração da mulher, para fazer sempre concorrer a síntese com a simpatia, a fim de regularizar a sinergia (COMTE, 1978, p. 292).

A mulher, segundo Comte, é altruísta, feita de sentimento e coração, frágil, mas capaz de modificar o pensamento dos homens partindo de sua afetividade, chegando a ser retratada como uma santa social. As mulheres seriam responsáveis pelo convencimento da humanidade no tocante à nova religião proposta pelo filósofo. A família seria o lugar de ação da mulher, onde ela deveria ser adorada, admirada. O filósofo recomenda que os casamentos ocorram preferencialmente entre os vinte e um e os vinte e oito anos.

Nísia Floresta reconhece a importância das mulheres no desenvolvimento das nações a partir da influência que elas exercem sobre os homens, concepção que defende tanto no *Opúsculo* quanto em *A mulher*:

Por mais rigorosas que tenham sido as instituições dos povos, concernentes à exclusão absoluta da mulher de toda sorte de governo público, quem há aí que ignore ter ela a maior influência nas ações dos homens e, por conseguinte, nos destinos dos povos? [...] (FLORESTA, 1989, p. 157).

Considere-a desde o berço até seu leito de morte, como aquela que exerce influência real sobre o destino dele, e, por conseguinte sobre o destino das nações. (FLORESTA, 1997, p. 117)

Segundo Comte, a influência feminina sobre os homens deve se efetivar no espaço privado e não no público, pois o filósofo era contra a participação da mulher neste segundo espaço. Para ele, o principal ofício da mulher era o de formar e aperfeiçoar os homens. Sendo assim, não seria justo glorificar um grande homem sem antes honrar a sua mãe, sua esposa.

O filósofo afirma ser indispensável para a formação do homem a participação da mulher, que atua sobre o espírito pelo coração, proporcionando por essa via o aperfeiçoamento moral masculino.

O homem, de acordo com o filósofo, era o espírito, o sexo ativo, enquanto a mulher era o coração, o sexo afetivo. Afirma que a filosofia positiva seria bem compreendida por mulheres iletradas, pois “[...] só elas podem compreender assaz a preponderância que merece a cultura habitual do coração, tão comprimida pela grosseira atividade, teórica e prática, que domina o Ocidente moderno” (COMTE, 1978, p. 292).

Nísia Floresta discorda de Comte e considera que para que o sentimento fosse útil ao progresso social, era necessário estar combinado com a devida educação, como é possível constatar abaixo:

A ele [o homem], segundo vós, a inteligência, o engenho, a força de vontade, e todos os seus triunfos. A nós, o coração e todos os seus sentimentos mais generosos com a mais nobre entre as virtudes, a abnegação. [...] Menos orgulhosas e mais modestas do que os homens inebriados pelos triunfos do seu gênio, não acreditamos, como creem eles de suas descobertas e de suas obras, que unicamente o sentimento seja bastante para produzir a grande reforma que os povos há muito séculos esperam (FLORESTA, 1997, p. 115).

Comte (1978, p. 372) considera ser mãe, esposa e filha como funções naturais da mulher: “[...] a mãe, a esposa e a filha devem, em nosso culto, como na existência que ele idealiza, desenvolver respectivamente em nós a veneração, o apego e a bondade”. Para o desenvolvimento adequado de tais funções, o filósofo recomenda que elas se afastem de trabalhos exteriores e restrinjam-se, voluntariamente, ao “santuário doméstico” (COMTE, 1978, p. 556), espaço em que elas poderiam proporcionar o aperfeiçoamento moral de seu marido e filhos.

Nísia Floresta (1997, p. 133) também defende as respectivas funções sociais da mulher: “[...] filha, esposa, mãe! Esta sublime tríade sois vós, ó mulheres, que representais sobre a Terra”. No entanto, acredita que a única maneira de efetivar tais funções seria através de uma educação adequada, educação moral e religiosa. Recomenda aos homens que: “[...] dedique-lhe, por último, uma educação como exige a grande tarefa que ela deve cumprir na sociedade como benéfico ascendente do coração; e a mulher será como deve ser, filha e irmã dedicadíssima, terna e pudica esposa, boa e previdente mãe” (FLORESTA, 1997, p. 117).

A brasileira apresenta no conjunto de suas obras uma concepção condizente com o positivismo ao evidenciar a mãe como principal educadora de seus filhos, a mulher como responsável pelo despertar da moralidade, do desenvolvimento do coração e da bondade. No entanto, expressa constantemente sua inclinação à religiosidade, acreditando que as

funções femininas são atribuídas primeiramente por Deus. Afirma que “Deus depôs no coração da brasileira o germe de todas as virtudes” (FLORESTA, 1989, p. 44).

Comte condena o trabalho feminino, afirmando que o homem é o provedor do lar, e que quando a mulher enriquece pelo seu próprio trabalho causa danos para seu desenvolvimento moral, altera-se a ordem natural da humanidade e a mulher passa a mandar ao invés de amar. A mulher deve ser submissa e obediente ao seu marido. Já Nísia Floresta defende o trabalho feminino quando este se faz necessário para o engrandecimento da mulher e o afastamento dela de vícios. A máxima moral do positivismo, “viver para outrem”, está presente em toda a obra de Nísia Floresta. Comte reafirma esse propósito diversas vezes, identificando a mulher como instrumento capaz de proporcionar essa realidade:

Condensando toda a sã moral na lei Viver para outrem, o positivismo consagra a justa satisfação permanente dos diversos instintos pessoais, enquanto indispensável à nossa existência material, sobre a qual assentam sempre nossos atributos superiores [...] (COMTE, 1978, p. 316).

O culto é principalmente destinado a desenvolver os sentimentos que nos dispõem a viver para outrem. [...]. Ora, tal objetivo supõe necessariamente o concurso íntimo e contínuo dos dois sexos, porque ele depende tanto do coração como do espírito (COMTE, 1978, p. 511).

No entanto, é necessário ressaltar que essa máxima está igualmente presente na filosofia cristã, a qual Comte afirma repudiar, embora absorva grande parte da moral religiosa. Nísia Floresta (1997, p. 116) afirma que a natureza feminina, ainda que seja virtuosa, sem educação não poderia cumprir seu principal papel social, que corresponderia à máxima positivista: “[...] mas não basta que a natureza lhe tenha sido cortês deste grande e inestimável tesouro: é preciso dirigi-lo bem com uma educação culta e fortificada na prática do dever e na razão, para sabê-lo utilizar em benefício dos outros”.

Comte reconhecia a supremacia moral da mulher sobre o homem, uma vez que relacionava tal supremacia com o altruísmo feminino e o atraso ao egoísmo masculino. O filósofo defendia que somente com a aniquilação do egoísmo o progresso da humanidade seria alcançado. Defende a transformação da educação que deveria estar voltada para o sucesso de suas ideias e estimular os sentimentos virtuosos em todos os seres humanos. A mulher, relacionada diretamente com o altruísmo, seria a precursora de todo esse caminho.

Ambos concebem a mulher enquanto instrumento do progresso da humanidade. Agindo diretamente na família, concebida nos oitocentos enquanto espaço de formação do indivíduo, a mulher é valorizada. Mas, é possível constatar que dois pontos distanciam a brasileira do filósofo; primeiro, o desprezo de Comte por questões metafísicas e o não abandono de Nísia Floresta às crenças cristãs; o segundo, a educação defendida pela

escritora como necessária para o desenvolvimento humano é questionada pela filosofia positiva, vista como perniciosa para a permanência da mulher no lar. Apesar das diferenças conceituais, a amizade e admiração entre ambos permaneceram durante o convívio e se refletiram na escrita de Nísia Floresta.

As divergências entre ideais defendidos por Nísia Floresta e Augusto Comte são visíveis. No entanto, nenhuma delas foi suficiente para impedir a construção de um relacionamento fraterno, nem mesmo afetou a admiração da brasileira pelo filósofo. A simpatia intelectual entre ambos é notável nas cartas trocadas no período de quase um ano, entre 1856 e 1857 bem como na narrativa de autoria de Nísia Floresta *Um passeio no Jardim de Luxemburgo*, provável homenagem ao filósofo.

O referido texto narra o encontro de “três pessoas oriundas de três diferentes províncias entre as vinte e uma que presentemente constituem a fúlgida auréola de um grande império” (FLORESTA, 1997, p. 187) que dentre os diversos assuntos tratados, começaram a discorrer a respeito da “única base fundamental da ordem, da dignidade, da verdadeira grandeza, e do bem-estar das nações; a educação da juventude” (FLORESTA, 1997, p. 189).

A escritora afirma que ao tratarem da educação da mulher e sua situação naquela sociedade, repetiram discursos comumente utilizados para escravizar as mulheres através da vaidade e, assim, afastá-las da “mulher arquetípica, que deve servir como exemplo à família, combinando a felicidade do homem com o verdadeiro amor pela humanidade” (FLORESTA, 1997, p. 191). Nísia Floresta evidencia a permanência do descaso com a educação feminina, apesar do interesse em aperfeiçoá-la, pois, mesmo acreditando defender a educação feminina, aqueles que falavam apenas reforçavam estereótipo feminino predominante.

Nísia Floresta destaca o sistema filosófico elaborado por Augusto Comte como maneira de solucionar enganos quanto à condição social feminina, e enaltece a figura do filósofo:

A ti, portanto, ó grande filósofo do século, digno concidadão de Descartes, alma nobilíssima, gênio de nossa era, segundo a ninguém mais, que soubeste compreender e prezar a mulher para associá-la às tuas profundas fadigas, à tua regeneradora doutrina; louvado sejas! A ti a simpatia dos corações que aspiram ao melhoramento do sexo por ti honrado! (FLORESTA, 1997, p. 193).

A escritora deixa claro sua admiração e gratidão ao filósofo e ao seu projeto que prevê a valorização do sexo feminino. Continua:

O sistema humanitário, de que és fundador e digno representante, estabelece para a mulher um grau particularmente distinto, que a habilita a poder utilizar com segura vantagem as faculdades da própria inteligência e as do coração no

exercício das virtudes, que farão dela um dos primeiros ornamentos e a base sólida dos progressos da civilização (FLORESTA, 1997, p. 193).

Nísia Floresta evidencia sua simpatia para com a reforma social proposta por Comte, especialmente no lugar reservado para as mulheres, uma vez que a brasileira defendeu reiteradamente o papel de regeneradora da humanidade e instrumento do progresso desempenhado pela mulher educada. Seguindo a narrativa, a escritora deixa a entender que ela é um dos participantes daquele passeio ao se referir à dor sentida pelo personagem pela “tríplice morte”, forma que se referia à perda dos entes queridos, e sua ocupação em “cultivar as plantas que encerram a semente preciosa”, referência aos seus esforços em prol da educação feminina objetivando o bem da humanidade.

Os três personagens seguem observando a paisagem e questionando o progresso conquistado pela civilização europeia. Há certa decepção diante da realidade encontrada, uma vez que é constatado que o adiantamento daquela sociedade era resultante de riquezas materiais e não humanas ou científicas. Brasileiros, os personagens refletem constantemente sobre a situação de sua pátria, desejosos de transformações. A escritora afirma:

Volvendo o pensamento para a terra natal, os nossos três observadores viam-na jovem, fresca, forte e generosa, ainda em vias de pagar aqui e ali o tributo da longa infância em que foi deixada, mas toda disposta a nobremente secundar o vivo impulso que lhe imprime o movimento da grande obra social (FLORESTA, 1997, p. 203).

Assim, Nísia Floresta nos permite conhecer sua admiração por Auguste Comte, a crença em seu projeto filosófico que intenciona o progresso da humanidade, fazendo uso das virtudes femininas, bem como sua aparente decepção diante da realidade social europeia que, apesar dos avanços em comparação com sua pátria, ainda deixava a desejar quanto à educação feminina. É possível constatar a identificação da escritora com o sistema social proposto pelo filósofo.

A relação através das cartas

A relação entre a brasileira e o filósofo é consolidada através das correspondências trocadas durante aproximadamente um ano, evidência da amizade entre os dois. As cartas foram preservadas por positivistas brasileiros e franceses e são 14 no total, sete de cada. Sobre o uso de correspondências como fonte, Michelle Perrot (2005, p. 45-46) afirma que:

Sem escapar dos códigos que um século epistolar sabiamente estabeleceu, elas têm a vantagem, sobre as autobiografias, de apresentar uma maior espontaneidade, uma encenação menor. [...] As Correspondências, se não tentam um diálogo, buscam pelo menos uma troca com um interlocutor cúmplice ou indiferente, próximo ou opaco. [...] Elas mostram o avesso do espetáculo, as fadigas do herói, suas dúvidas e seu dia-a-dia.

Nesse sentido, a análise das cartas possibilita o conhecimento da relação entre ambos na esfera privada. A primeira carta de Nísia Floresta para Augusto Comte é datada de 19 de agosto de 1856 e é marcada pelo tom cordial e afetuoso, como é possível observar:

Uma leve indisposição me acometeu no dia seguinte àquele em que tive o prazer de vê-lo e o estado de saúde de minha filha querida, que depois se agravou, me impediram de ir, tão logo quanto desejara, exprimir-lhe, de viva voz, minha gratidão pela felicidade que o senhor me fez desfrutar ao me enviar sua fotografia. Oferecida pelo senhor mesmo, ela se torna duplamente preciosa à estrangeira que guardou religiosamente, a duas léguas de distância, a lembrança das palavras que o ouviu pronunciar há cinco anos no púlpito da igreja. É doce aos corações como o meu encontrar simpatia em um coração como o seu. E se atualmente algo existe em França que possa de alguma forma atenuar a dupla chaga que trago comigo, desta vez de meu país, ao perder a mais terna das mães, são sem dúvida os instantes em que o Senhor me concede sua companhia (FLORESTA *apud* DUARTE, 2002, p. 63-64).

A partir das palavras da brasileira, sabemos que a amizade entre eles ultrapassou a troca de correspondências, com a realização de visitas domésticas, nesse caso, impedida pela saúde frágil da remetente. Nísia Floresta agradece o envio de uma fotografia do filósofo e confirma a informação de que estava presente na conferência apresentada por Comte em 1851, assim como a importância do que ouviu na ocasião. Expressa, também, sua satisfação em estar na companhia do filósofo, único atenuante da perda recente de sua mãe.

Em carta resposta, redigida por Comte no mesmo dia, ele expressa preocupação com o estado de saúde de Nísia Floresta e Lívia, gratidão pelas palavras da brasileira e por sua companhia:

Sinto-me, porém, extremamente penhorado do testemunho especial que ele lhe inspira uma simpatia tão preciosa como me é a sua. Ninguém avalia melhor do que eu a importância habitual das dignas relações femininas, sobretudo entre os verdadeiros filósofos. [...] Entretanto, salvo a benéfica influência contínua da minha excelente Sophie,⁹ vivo habitualmente privado desse poderoso meio de aperfeiçoamento e de felicidades. Pode, portanto, julgar que apreço devo naturalmente dar às relações que espero desenvolver com uma pessoa tão digna, quanto a senhora, de associar uma impulsão objetiva ao ascendente subjetivo que sobre mim exerce a Angélica Patrona¹⁰ a quem dediquei minha obra capital. (COMTE *apud* DUARTE, 2002, p. 66-67)

⁹ Sophie Blioux cuidou do filósofo e de sua casa durante os últimos anos de sua vida, e chegou a ser considerada por ele uma filha adotiva. Cf.: DUARTE, 2002, p. 68.

¹⁰ Provável referência à Clotilde de Vaux (1815-1846).

O filósofo deixa evidente que o sentimento de admiração é recíproco e ressalta a importância que confere ao convívio com personalidades femininas, especialmente o convívio com a brasileira, considerada digna. Comte também esclarece sua expectativa quanto à relação ora desenvolvida com Nísia Floresta.

Em carta datada de 9 de dezembro de 1856, o filósofo sinaliza o envio de três tomos de sua obra principal para Nísia Floresta e indica que a leitura do volume inicial já teria sido realizada por ela. Comte (*apud* DUARTE, 2002, p. 70) também expressa “afetuosas homenagens à sua digna filha”, o que demonstra a proximidade do filósofo com Lúvia ou sua tentativa de aproximar-se daquela que seria mais facilmente convertida ao positivismo que a mãe.

Apesar de não ser encontrado nenhum registro de encontros pessoais ou correspondências trocadas entre agosto e dezembro de 1856, é provável que não tenha sido um período de completo silêncio, uma vez que há motivação do envio de material para leitura à brasileira, bem como a indicação de que ela já teria realizado a recomendação anterior.

Em carta resposta de 17 de dezembro do referido ano, Nísia Floresta esclarece que a filha também cultivava admiração pelo filósofo. Escreveu: “[...] minha querida filha muito se sensibilizou com sua amável lembrança; ela me pede que lhe transmita a expressão do profundo respeito e da grande admiração que tem pelo senhor” [...] (FLORESTA *apud* DUARTE, 2002, p. 73) evidenciando a relação cordial existente entre ambos. Junto à mesma carta, a autora brasileira envia ajuda de custo em dinheiro para Comte, solicitando que seja mantido anonimamente.¹¹

No dia seguinte Comte envia outra carta à brasileira, agradecendo a quantia enviada e demonstrando a intenção de ter a escritora como discípula, bem como o interesse em aumentar o número de mulheres seguidoras de suas ideias, o que atestaria seu sucesso:

Junto, conforme o meu costume, o recibo correspondente a sua nobre subscrição. Figurará, segundo os seus desejos, entre os anônimos. Vejo nisto um precioso crescimento das raras, porém decisivas proteções femininas que já secundam o sucesso da religião universal (COMTE *apud* DUARTE, 2002, p. 76-77).

A carta seguinte foi enviada por Nísia Floresta alguns meses depois, dia 18 de abril de 1857 e expressa seu descontentamento diante do período sem encontrar o filósofo pessoalmente:

¹¹ O filósofo recebia doações financeiras de seus discípulos e colaboradores desde o rompimento de relações com John Stuart Mill, por volta de 1845. Cf.: JÚNIOR, 1987, p. 8.

Ao entrar no meu novo apartamento, meu primeiro desejo é ir vê-lo, mas é impossível fazê-lo, tão atrapalhada estive e ainda estou com minha mudança. [...] Desde minha peregrinação do triste 5 de abril, não saí senão uma vez para comprar um móvel indispensável a este apartamento e, ao voltar, o mau tempo me impediu de passar em sua casa como era minha intenção. Assim, acontece que há mais de um mês eu e minha querida filha estamos privadas de vê-lo, tendo tido o desprazer de não estar em casa quando de sua última visita (FLORESTA *apud* DUARTE, 2002, p. 79-80).

O conteúdo da carta evidencia a frequência das visitas domésticas entre eles, sendo que a última informada teria sido há pouco mais de um mês antes da referida data. Assim, é possível que ausência de correspondências nos meses entre dezembro e abril tenha sido preenchida por tais visitas. Informa, também, que Lívia acompanhava a mãe e que Comte foi visitá-las quando não estavam na residência. Nísia Floresta também se refere à peregrinação feita ao túmulo de Clotilde de Vaux¹² e, ao final, envia “respeitos afetuosos” de sua filha.

Comte respondeu no dia seguinte demonstrando sensibilidade diante dos motivos do adiamento da visita da brasileira. Escreveu:

Ainda mesmo que tivesse de ficar por muito tempo privado da preciosa visita que me reserva, esta demora seria de antemão justificada. Prevaleço-me da oportunidade para testemunhar-lhe quanto me sensibilizou a sua participação espontânea no meu fatal aniversário. Uma tal simpatia me é tanto mais preciosa, pelo fato dessa manifestação decisiva ser, depois de onze anos, a primeira comemoração feminina da angélica inspiradora da única religião na qual a mulher é tratada dignamente (COMTE *apud* DUARTE, 2002, p. 82).

Nísia Floresta, de acordo com as palavras do filósofo, teria sido a primeira mulher a visitar o túmulo de Clotilde de Vaux em seu aniversário de morte. A visita provavelmente foi motivada pela simpatia ao filósofo e por reconhecer em sua personagem a inspiradora da filosofia positiva, tal como informa Comte. O filósofo finalizou a carta retribuindo as saudações anteriores de Lívia.

Em 23 de maio de 1857 Nísia Floresta remete nova carta, dessa vez lamentando a morte do senador Sr. Vieillard,¹³ seguidor assíduo da filosofia positiva. A brasileira afirmou que diante da notícia, a sua primeira intenção seria ir para junto de Comte, lamentar sua perda e continua:

Deplorando pelo senhor e pela humanidade a perda de um amigo e um servidor zeloso, experimentei, no entanto, satisfação ao saber que um último ato de sua vontade firme e conseqüente até perto da morte tornará sua memória duplamente

¹² Charlotte Clotilde Josephine Marie de Ficquelmont de Vaux (1815-1846): escritora francesa considerada a musa inspiradora de Auguste Comte. Se conheceram em 1845, um ano antes da morte da escritora. Tiveram um amor platônico, pois consideravam o matrimônio, adquirido anteriormente por ambos, indissolúvel. Cf.: JÚNIOR, 1987.

¹³ Antigo senador da república e preceptor de Carlos Luís Napoleão Bonaparte, depois imperador Napoleão III. Cf.: DUARTE, 2002, p. 84.

querida e digna da sábia doutrina que o senhor proclamou. Minha filha se junta a mim para lhe pedir que acredite em uma continuação inalterável de nosso profundo e simpático devotamento pelo senhor (FLORESTA *apud* DUARTE, 2002, p. 84).

Três afirmações contidas acima indicam uma possível adesão de Nísia Floresta à Religião da Humanidade. A primeira é a expressão do sentimento de perda não somente em relação à figura de um amigo, mas de um “servidor zeloso”, um servidor da humanidade. A segunda afirmação soa contraditória: declara sentir satisfação diante da atitude do senador em optar por um funeral somente civil, recusando o religioso.

Assim, Nísia Floresta parece abandonar os hábitos metafísicos criticados por Comte. Apesar da afirmativa de que a diferença entre a brasileira e o filósofo estava na religiosidade da primeira, ela ainda afirmou que tal atitude torna-o digno da “sábia doutrina” proclamada por Comte, o que parece contraditório diante das resistências religiosas da brasileira.

Por fim, afirmou que ela e sua filha permaneceriam devotas ao filósofo. Afirma ainda que esse devotamento é inalterável e profundo. As respectivas colocações não atestam a conversão total de Nísia Floresta e Lívia à filosofia positiva. No entanto, evidenciam a afinidade entre eles. Em textos posteriores a escritora permaneceu se referindo à religião enquanto norteadora das virtudes femininas, o que pode indicar que não houve abandono de suas convicções religiosas. No ensaio *A mulher* (1859), edição de 1997, Nísia Floresta afirma não estar interessada em discutir sobre religião, exceto quando estiver ligada às virtudes femininas:

Não direi palavra aqui sobre a forma exterior do culto religioso que eu acredito ser o único digno de se render ao Ente supremo. O inconveniente das diversas crenças é uma grave questão sobre a qual não abrirei jamais a boca, por que não tem muito a ver com meu tema (FLORESTA, 1997, p. 131).

A expressão “Ente supremo” utilizada pela brasileira também foi utilizada anteriormente por Comte, e merece destaque:

De onde resulta, minha filha, que é necessário, antes de tudo, elevarmo-nos até a exata compreensão da humanidade. Depois cultivamos os sentimentos apropriados à existência que ela nos prescreve. Só então podemos efetuar a elaboração teórica destinada a fazer conhecer *analiticamente* a ordem fundamental e o Ente supremo que a modifica (COMTE, 1978, p. 326, *grifo do autor*).

Ainda que usem a mesma expressão, o significado difere; é provável que Nísia Floresta se referisse à divindade, enquanto o filósofo parece se referir à função da mulher em seu sistema para a moralização da humanidade. Nas cartas seguintes, a brasileira parece desfazer as possíveis confusões causadas pelas afirmações anteriores.

A carta resposta de Comte, enviada no dia seguinte, contesta o compromisso do Sr. Vieillard com seu projeto de reforma social, o que pode significar o desconhecimento de Nísia Floresta a respeito da personalidade que outrora exaltou:

Sou profundamente grato à parte que a senhora e sua filha tomaram na perda que acabo de sofrer. Eis-me pessoalmente privado do único homem que me seguiu sempre, desde o começo da minha carreira, a partir do meu opúsculo fundamental de 1822. O positivismo perde assim seu único patrono oficial, íntegro e perseverante, embora incompleto e frágil (COMTE *apud* DUARTE, 2002, p. 85).

Comte questiona o funeral cívico de Vieillard, pois seria uma demonstração tardia de seu apoio à filosofia positiva, portanto, dispensável. Assim, Nísia Floresta o chama de “servidor zeloso”, mas para Comte tratava de um servidor “incompleto e frágil”. Comte não comenta a declaração de Nísia Floresta quanto ao seu devotamento inalterável. Talvez a visse como o amigo perdido recentemente.

A carta seguinte é do dia 10 de julho de 1857, enviada por Nísia Floresta ao filósofo. Na ocasião, a brasileira discorre sobre seu estado de saúde e novamente deixa claro que a relação entre eles era externa às cartas, como é possível constatar:

Devo parecer ao senhor muito negligente não apenas por haver deixado de ir vê-lo, mas ainda por lhe não haver escrito nem que fosse uma palavra em resposta a sua carta, pela qual o senhor me havia favorecido a ocasião de ter o prazer de ser útil em alguma coisa a um de seus discípulos.¹⁴ Desde há um mês um problema de saúde forçou-me a submeter-me a um tratamento severo (FLORESTA *apud* DUARTE, 2002, p. 88).

Certamente, as cartas conhecidas atualmente não foram as únicas trocadas entre Nísia Floresta e Augusto Comte, uma vez que a brasileira indica na referida correspondência o recebimento de um pedido de recomendação a um amigo do filósofo via carta, que na mesma ocasião não teria sido respondida prontamente devido ao seu estado de saúde. Fica evidente, também, que além das cartas até hoje desconhecidas, o longo período que aparentemente passavam sem se corresponder era preenchido com encontros pessoais, pois a brasileira lamenta, novamente, não poder ir vê-lo pessoalmente.

Comte já não estava bem de saúde e Nísia Floresta demonstrou preocupação com seu estado, bem como com a recusa do filósofo em buscar ajuda médica. Em carta do dia 22 de agosto de 1857 a brasileira fez o seguinte apelo:

¹⁴ Comte havia solicitado uma carta de apresentação do Dr. L. A. Segond à Nísia Floresta. Membro da Sociedade Positivista, professor da Faculdade de Medicina de Paris e autor de obras sobre biologia, estava de viagem ao Brasil. A carta teria sido escrita e enviada ao Dr. Henrique de Medeiros, cunhado de Nísia Floresta. Teria sido através dele que Dr. Segond foi avisado da morte de Augusto Comte. Cf.: DUARTE, 2002, p. 90.

Permita que em nome desses corações que lhe estão sinceramente ligados, em nome da humanidade que o senhor é ministro e o mais zeloso servidor, minha fraca voz se eleve junto a seu leito para suplicar-lhe que recorra à arte enquanto ainda é tempo. Que a lembrança do anjo que constantemente plana em torno do senhor, a santa mulher sobre cuja influência seu grande gênio assumiu a nobre tarefa de regenerar a humanidade, torne eficaz minha prece junto ao senhor! O que será dos discípulos sem o mestre? O que será da humanidade sem a sua grande obra completada? Espero e tenho confiança no Grande Criador que o senhor não nos será tirado tão cedo! (FLORESTA *apud* DUARTE, 2002, p. 91-92.).

A brasileira fez uso da imagem de Clotilde de Vaux para reforçar o seu pedido junto ao filósofo. Nísia Floresta também evidencia seus limites diante da filosofia positiva; crê que a medicina e o “Grande Criador” pudessem restaurar a saúde de Comte, ou seja, recorre a elementos que deveriam ser suprimidos com o sucesso da Religião da Humanidade. Assim, expressa sua admiração pelo filósofo e reconhece sua importância para a construção de uma sociedade que ela almeja, mas continua afirmando sua crença em preceitos negados por Comte.

Comte enviou a resposta, aparentemente irritado, dia 24 de agosto, recusando-se a seguir a recomendação da brasileira que ia contra suas convicções. Sua irritação também foi motivada pela invocação da memória de Clotilde de Vaux. Escreveu:

Em resposta à sua carta, muito afetuosa, porém judiciosa, posso me limitar a desenvolver a minha profunda convicção de que, se me tivesse infelizmente submetido às precipitações vãs emanadas da ciência falaz das notabilidades médicas, estaria atualmente morto. [...] Se me tivesse visto alguma vez, de modo a comparar os meus estados sucessivos, a sua experiência tê-la-ia preservado de partilhar os temores pueris de um moço superficial, inteiramente estranho às noções médicas e que só pensou na minha magreza, justamente explicável: no final de contas, por mais assustados que os outros estejam, não conseguirão jamais assustar-me num caso em que, melhor que ninguém, sinto que somente olhos vulgares puderam prever a minha morte. A sua invocação de uma vítima angélica em apoio de um conselho perigoso, é tanto mais cega, quanto a minha Beatriz, sucumbiu, não pela moléstia, porém pelos seus dois médicos [...] (COMTE *apud* DUARTE, 2002, p. 93-95).

Na carta seguinte Nísia Floresta parece tentar se redimir. Enviada no dia 28 de agosto de 1857, a brasileira envia uma homenagem em memória de Clotilde de Vaux que parece ter emocionado o filósofo. A seguir um trecho do referido texto:

Alma pura e afetuosa mal passaste sobre a terra, como a flor da primavera..., porém a mais feliz do que ela, em tua curta jornada, encontraste em teus últimos dias de peregrinação sobre a terra um grande gênio que recolheu teu santo perfume; e guardando-o em seu nobre coração, assim como a vestal guardava o fogo sagrado do templo, ele o asperge, esse perfume, sobre o mundo inteiro, em obras incomparáveis que te imortalizarão tanto quanto a ele próprio. Nova Beatriz, teu nome passará para as gerações futuras com maior glória, pois não é admirável ficção de um grande poeta, mas a doutrina regeneradora de um grande filósofo que por ti redime da degradação onde ela, a mulher, ainda se encontra (FLORESTA *apud* DUARTE, 2002, p. 98).

Comte (*apud* DUARTE, 2002, p. 100) responde no dia 29 de agosto de 1857: “[...] li ontem sua digna efusão e experimento esta manhã a necessidade de agradecê-la cordialmente. É o complemento duradouro da primeira homenagem feminina prestada até agora àquela que, por mim, regenera o seu sexo”. De acordo com o filósofo, Nísia Floresta foi a primeira mulher a render homenagens à Clotilde de Vaux e reconhecer sua importância na composição do sistema filosófico de Comte. Essa foi a última carta trocada entre ambos antes da morte de Comte no dia 5 de setembro de 1857 em decorrência de complicações em seu estado de saúde que Nísia Floresta pediu anteriormente que fosse devidamente tratado.

Considerações finais

O estudo da correspondência trocada entre Augusto Comte e Nísia Floresta permite o conhecimento de detalhes a respeito da relação estabelecida entre eles. Não é possível precisar o início dessa relação, mas é verificado certa frequência de contatos escritos e físicos, evidenciando uma relação consolidada de recíproca admiração. Nísia Floresta buscava constantemente a aprovação do filósofo, que sempre reconhecia as limitações da brasileira.

As cartas também evidenciam a dificuldade de Nísia Floresta em abandonar concepções que lhes afastavam da filosofia positiva. Assim, a afirmativa da completa conversão da brasileira ao positivismo está equivocada, uma vez que ela se apropriou de ideias e conceitos que eram do seu interesse e estavam em acordo com seu projeto de transformação da condição social feminina. A brasileira parece não ter abandonado sua crença na educação religiosa e na própria criação divina da mulher.

Nísia Floresta encontrou um cenário intelectual em efervescência na Europa. A escritora se relacionou com diversos escritores, filósofos e intelectuais. Estabeleceu relações como Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, Luiz Filipe Leite, Mazzoni Azeglio, Giuseppe Garibaldi, Ettore Marcucci, Duvernoy, Parlatore, Braye Dubuysé, George Sand, e etc.

Dessa maneira, não é possível afirmar que Nísia Floresta tenha se limitado a um pensamento específico, uma vez que a brasileira teve contato com uma multiplicidade de teorias e conceitos, característica dos oitocentos. A escritora foi, sem dúvida, moldada pelas leituras feitas, assim como também transformou tais leituras de acordo com suas experiências e expectativas.

Fazendo uso daquilo que lhe era conveniente, a brasileira teve contato com as mais diversas correntes de pensamento que compunham o cenário intelectual do século XIX,

sem que estivesse limitado a um só. Augusto Comte lhe ofereceu uma doutrina que valorizava a mulher enquanto instrumento fundamental para o desenvolvimento da humanidade, lhe oferecendo também argumentos que endossavam as ideias defendidas desde o início de sua trajetória de escritora e educadora. Aliás, o projeto formulado por Nísia Floresta permanece inalterável durante toda sua produção, defendendo sempre a educação feminina como único caminho para o progresso da humanidade.

WHEN PROJECTS MEET: THE WOMAN BETWEEN AUGUSTO COMTE AND NÍSIA FLORESTA

Abstract: Nísia Floresta Brasileira Augusta, Dionísia Gonçalves Pinto pseudonym, was born in Papari, Rio Grande do Norte, in 1810 and died in Rouen, France, in 1885. It is identified as one of the first Brazilian women to publish articles in newspapers and books, century that delegated to women performing only in the private space. In his writings, he defended the reform of female education in order to prepare women to exercise their role of regenerating society. In 1851, his first trip to Europe, he met Auguste Comte and in 1856 initiated the exchange of correspondence with the philosopher. This meeting is a matter of speculation among the Brazilian biographers who claim or refute his conversion to Positivism. This work aims to discuss the intellectual relationship established between both from the written production of Nísia Floresta, the *Positivist Catechism* of Auguste Comte and correspondence exchanged between them.

Keywords: Nísia Floresta. Auguste Comte. Letters.

Referências

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CÂMARA, Adauto. **História de Nísia Floresta**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

CÂMARA, Nathalie Bernardo. Notas comentadas da tradutora. In: FLORESTA, Nísia. **Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982, p. 56-104.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.

COMTE, Auguste. Catecismo positivista. In: GIANNOTTI, José Arthur (Sel. Introd.). **Comte**, Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural: 1978, p.271-640.

_____. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra**. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

_____. (Org.). **Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte**. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002.

_____. **Nísia Floresta**. Recife: Editora Massangana, 2010.

FLORESTA, Nísia. **Itinerário de uma viagem à Alemanha**. Natal: Editora Universitária, 1982.

_____. Fany ou o modelo das donzelas. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009, p. 95-102.

_____. Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009, p. 105-107.

_____. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

_____. O pranto filial. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009, p. 85-92.

_____. Máximas e pensamentos para minha filha. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009, p. 23-29.

_____. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

GIANNOTTI, José Arthur (Sel. Introd.). *Comte*, Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural: 1978.

GONDRA, José; GARCIA, Inára. A arte de endurecer 'miolos moles e cérebros brandos': a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, maio-ago. p. 69-84. 2004.

HARTMANN, Ivan. **Aspetos da Guerra dos Farrapos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

JÚNIOR, João Ribeiro. **O que é positivismo?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2005.

Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 38, jun. 2010, p. 268-274. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/res01_38.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/contratosocial.pdf>>. Acesso em 12 de julho de 2016.

SOBRE AS AUTORAS

Luma Pinheiro Dias é mestre em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI);

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz é doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP);
docente da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Recebido em 27/01/2017

Aceito em 21/06/2017